

O fictício literário amazônico:

imaginário, realidades e literatura

A Amazônia real é imensa e imensurável o seu imaginário. Este dossiê procurou privilegiar trabalhos de expressão amazônica, de língua portuguesa, restritos ao campo da literatura, em busca de sua própria estética, podendo-se notar o jogo entre o imaginário amazônico, a ficcionalidade e o real.¹

Já faz muito tempo, os viajantes levantaram fronteiras sobre a região amazônica e reportaram olhares difusos, reverberando o mais distante dos lugares o “deserto ignoto” e o “paraíso perdido”. Desde então uma profusão de textos tem tocado o imaginário deste lugar com os mais diversos interesses políticos e estéticos. *Muhuraida* (manuscrito de 1785), de Henrique João Wilkens (nascimento e morte desconhecida), representa o primeiro exercício poético lusitano da região², ao lado do primeiro poeta do antigo Estado do Grã-Pará, Bento Tenreiro Aranha (1769-1811) – com suas obras compiladas pelo seu filho João Batista, *Obras do literato amazonense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha* (1850) – o primeiro legado de prosa e poética, respectivamente de um representante estrangeiro e outro local.

No transcorrer do século XIX o interesse pelo imaginário amazônico expande-se com Lourenço da Silva Araújo e Amazonas (1803-1864), autor de um único romance, *Simá: romance histórico do alto Amazonas* (1857), destaca-se por sua peculiaridade nos primeiros caminhos de tomada do imaginário da região na construção da “identidade nacional brasileira”. Neste percurso podemos citar o viajante Gonçalves Dias, em *Viagens pelo rio Amazonas: cartas do mundus alter* (...), em sua faceta etnográfica e ensaísta, combatendo os cronistas portugueses. Ou ainda, num sentido mais radical da forma, *O guesa* (1858), do maranhense Joaquim de Sousândrade (1833-1902), em que o imaginário amazônico recebe um tratamento épico distinto dos clássicos, dentro de um entendimento de integração cultural da Amazônia para além de suas fronteiras brasílicas, o autor vislumbra uma conexão entre as Américas.

¹ A compreensão que fazemos sobre imaginário, real e ficcionalidade, compreende-se em *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária* (1996), de Wolfgang Iser e no estudo mais específico do imaginário amazônico, *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* (2015) e *A poesia como encantaria da linguagem* (1997), de João de Jesus Paes Loureiro.

² Alguns dos Escritores portugueses que utilizaram do imaginário amazônico para compor suas obras: os dramas *Ódio de Raça* (1854) e *O cedro vermelho* (1856), os romances *Os Selvagens* (1875) e *O remorso vivo* (1876) e os livros de poesia *Cantos matutinos* (1858) e *Efêmeros* (1866), por Francisco Gomes Amorim (1827-1891); e, o romance *A selva* (1930), por Ferreira de Castro (1898-1974). Segundo José Eustachio de Azevedo, outros dois autores portugueses são lembrados por José Veríssimo na sua História da literatura brasileira, Mendes Leal e Pinheiros Chagas (1990, p. 25).

Reverendo criticamente nossa mirada paulista, com *Macunaíma* (1939), de Mário de Andrade (1893-1945) e outros coetâneos brasileiros³, em que se tomou a Amazônia como uma fronteira estratégica do Modernismo a partir da segunda década do século XX, lembrando que o fictício amazônico esteve presente na Semana de 22, com as imagens artísticas do pernambucano Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), uma das quais nos serve como capa, exemplifica bem o movimento nacional de trabalhar artisticamente lendas e mitos das nações indígenas à serviço da reconstrução dos “temas nacionais”.

Contudo, a literatura de expressão amazônica tem se reformulado muito em oposição de uma tradição crítica que lhe inculcou visões limitantes de assunto, personagem e espaços, bem como o enquadramento regionalista. Hoje podemos conceber a criação literária amazônica como um tipo de expressão que se reconhece dentro de uma tradição, mas que tem incorporado seja na prosa, seja na poesia ou na dramaturgia o lugar dos povos originais na criação da literatura amazônica, a posição de resistência de diversas etnias que ocupam este espaço e da potência feminina na escrita de texto literários.

Interessados em obter diretamente dos autores que trabalham com a expressão amazônica o entendimento deste processo de criação, procurando pela passagem entre o mundo das águas e seus encantos por meio das letras, conseguimos angariar um olhar. Na entrevista de abertura, nós, pesquisadores e editores, conversamos com Isabella Thiago de Mello, documentarista de *Thiago de Mello 70 anos de Amazônia* e *As Antigas Civilizações Amazônicas*, filha do poeta Thiago de Mello, Isabella apresenta-se também como escritora de “O boto, duas palavras sobre a lenda”, “A lenda do boto” e “Cobra grande”, narrativas publicadas pela primeira vez nesta edição da *Revista Opiniões*. Sua fala trouxe-nos, entre outras coisas, uma plêiade de pesquisadores, escritores que têm produzido trabalhos significativos sobre as nuances da linguagem e da estética amazônica, professores como Otoni Mesquita, José Ribamar Bessa, além de pessoas como a “Tia Francisca, descendente dos pajés sateré-maués”, que por meio da oralidade cultivou na autora o imaginário ribeirinho do Paraná do Ramos, localidade que Isabella pode experimentar nos períodos de férias com o poeta Thiago de Mello, causos diversos.

Entre os artigos do dossiê colaboram sete trabalhos organizados em ordem cronológica, seguindo progressivamente as datas em que os textos estudados apareceram ao público. Após Edgard Tessuto Júnior reler as narrativas de viajantes que se apropriaram de histórias da oralidade mitológica indígena, do século XIX, como a lenda do Jurupari, é que delineamos o espectro de obras visitadas.

O segundo trabalho selecionado converge dois textos que se distanciam mais de seis décadas na linha do tempo, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) e *Dois Irmãos* (2000), respectivamente dos escritores Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, são lidos por Liozina Kauana de Carvalho Penalva, Lorena de Carvalho Penalva e Gilson Penalva, compreendendo as formas de alteridade racial, cultural e histórica nos romances citados.

Depois duas investigações que aforam poetas da capital do Amazonas, “A Manaus poética de Luiz Bacellar, Astrid Cabral e Aldísio Figueiras: leituras críticas”, por Fabrício Magalhães de Souza, um artigo que entende Manaus representada liricamente nas obras: *Fruta de Barro* (1963), *Visgo da Terra* (1986) e *Malária & outras canções malignas* (1976), como forma

³ Entre os autores modernista, não podemos deixar de mencionar o poema *Cobra Norato* (1931), do gaúcho Raul Bopp (1898-1984), importante obra do movimento antropofágico.

mais acabada pelas mãos desta tríade de poetas. E precedendo o artigo anterior, a crítica “Coleção de livros: uma biblioteca na poesia de Luiz Bacellar”, com dois poemas do poeta a fim de inquirir referências dialógicas na composição de *Frauta de barro* (1963), por Fadul Moura.

Na sequência final desta seção, três estudos que não nos deixam repetir os gêneros literários, a dramaturgia na confabulação menos idealizada do indígena em “Ficção e história em *A paixão de Ajuricaba* [encenada em 1974], de Márcio Souza”, por Cassia Sthphanie Cardoso da Silva, Jean Pierre Chauvin e Marcelo Lachat; o romance de autoria feminina em que se privilegia o processo de criação nos aspectos das personagens indígenas (sobretudo as femininas), da gênese do romance e dos desdobramentos de alteridade na obra como um todo em “Da nascente à foz: itinerário crítico para *Um rio sem fim* (1998), de Verenilde Santos Pereira”, por Allison Leão, Luana Aguiar Moreira e Márcio Páscoa; por fim narrativas lidas pelo regime de escrita da catástrofe, quando a trama das narrativas sofrem com os problemas da modernidade capitalista, em “A catástrofe amazônica em dois contos de João Meirelles Filho”, por Irisvaldo Laurindo de Souza.

Na seção de “criação literária”, quatro autores colaboram com textos que ressoam o imaginário amazônico. O roteiro cênico criado por Willi Bolle, que prontamente nos cedeu “Uma adaptação teatral do romance *Chão dos Lobos* (1976), de Dalcídio Jurandir”, resultado de oficina teatral desenvolvido com alunos e professores de escola pública, na periferia de Belém, que tem como objetivo compartilhar caminhos para o trabalho pedagógico imersos de literatura e teatro. No intuito de facilitar a comunicação com o público o texto original recebeu adaptação em vários trechos, diga-se de passagem, bem realizada nas dez cenas que compõem a peça. O poema “Oribici”, de Higor Lima da Silva, trata-se, esclarece o autor em nota, de uma composição em referência à história indígena, a lenda do uirapuru, da etnia tupi-guarani. Os textos de prosa “O Boto, duas palavras sobre a lenda”, “A Lenda do Boto” e “Cobra Grande”, da autora Isabella Thiago de Mello, deixa-nos uma impressão de reformulação das lendas amazônicas no exercício de uma crônica e dois contos. Igualmente, no sentido de elucubração deste imaginário, *Encantes Amazônicos*, de Otoni Moreira de Mesquita, aparecem sete narrativas curtas: “Revelação – Filho de Boto”, “Resignação – Canto das meninas desaparecidas”, “Talião – A troca”, “Conversão – A menina que virava cobra”, “Libertação – Mundica e o Boto”, “Punição – Peia no Sebastião” e “Traição – Dagmar e o Boto”.

Retornando aos artigos, agora de “tema livre”, abrimos esta seção com os estudos sobre a poetisa Orides Fontela, com “O jogo lúcido do poema: o princípio racional da poesia de Orides Fontela”, por Cláudia Ayumi Enabe, em que se investiga o significado poético: o processo da criação discursiva associado ao pensamento filosófico, e, o quarteto canônico de poetas da geração modernista de 45, com “Entre mim e os mortos há o mar: os motivos marítimos e a guerra em Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes”, por Paola Resende, em que alguns poemas das obras: *A rosa do povo* (1945), *Mar absoluto* (1945) e outros poemas, *As metamorfoses* (1944) e *Poesia liberdade* (1947) relacionam-se por uma visão em que o mar representa instabilidade e fúria como pode indicar o intervalo espacial entre os sujeitos poéticos e o front.

Deixando os poetas, enfeixa nossa edição outro trabalho em que se debruça sobre a dramaturgia brasileira, em “A estética brechtiana na dramaturgia de Ponto de Partida”, por Marco Antônio Pedra da Silva, a peça Ponto de partida (encenada 1976), de Gianfrancesco Guarnieri, é lida procurando reconhecer recursos do teatro brechtiano, como os *gestus*, a

narratividade, a música-gesto e a parábola. A fabula da peça remete ao assassinato do jornalista Vladimir Herzog pelos militares, em cárcere.

Na seção de “resenhas” contamos com a contribuição de Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro e Rhuan Fernandes de Oliveira, com a “Resenha de *O crush de Álvares de Azevedo*”, explanação do livro de Jandiro Adriano Koch (2020). Na interpretação dos resenhistas, o debate da obra evidencia as relações do poeta Álvares de Azevedo com o seu amigo de colégio e faculdade Luiz Antônio da Silva Nunes, sugere-se que a leitura do cânone pela perspectiva normativa, homem branco e heterossexual, poderia ter silenciado possíveis leituras da obra poética.

No empenho de ofertarmos discussão crítica, apresentação de livros e criações literárias, intercalamos com imagens plásticas o cerco ao imaginário amazônico, primeiramente, damos os créditos ao pintor, escultor pernambucano, Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), autor de três obras cedidas pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC): *Tupã* (1920) e *O Boto* (1921), que aparecem antes do sumário. E também o artista plástico Otoni Mesquita, que nos cedeu para este número cinco imagens, vistas na separação das seções nesta ordem: “Rito da construção e da paz”, “Rito do amor e solidariedade”, “Rito da fraternidade e esperança”, “Rito da igualdade e perseverança” e “Rito com a mãe natura”, conjunto de obras *Ritos* (2018).

Em agradecimentos aos subeditores, expressamos imensa gratidão pelos trabalhos realizados para a composição deste número, desde encaminhamento dos artigos para os avaliadores especializados até as etapas de diagramação e revisões finais, especialmente, ao Eduardo Marinho que somou sua experiência de editor já veterano a este número da revista *Opiniões*.

Boa leitura!

Editores da Opiniões n. 19

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez,

Tamiris Tinti Volcean e

Rafael Rodrigo Ferreira